

EDUCAÇÃO FÍSICA, SOCIALIZAÇÃO, CAPITAL E CAMPO

Afonso Nina*

Marco Antonio Caetano Júnior**

Luis Otávio Teles Assumpção ***

RESUMO

Os estudos sobre estilos de vida e a formação do hábito tem sido estudado majoritariamente no campo da educação física através de trabalhos descritivos de viés biológico ou psicológico. A proposta da teoria elaborada por Bourdieu fundamenta-se na investigação a respeito da estruturação do *habitus* expressão maior do que poderia ser denominado de segunda natureza humana. Na formação do *habitus* Bourdieu descreve e define os componentes campo e capital, este subdividido em capital econômico, social, cultural e físico. Este artigo propõe explicitar algumas conceituações referentes aos conceitos de socialização, *habitus*, campo, capital, utilizando como norte obras do sociólogo francês Pierre Bourdieu, colaborando para o enriquecimento do debate e ampliação de conhecimentos fundamentais para profissionais de Educação Física.

Palavras chave - *Habitus*, campo, capital.

*Licenciado em Educação Física UFAM, Mestre em Educação, UFAM, Doutorando em Educação Física UCB, Professor Assistente IV Universidade Federal do Amazonas;

** Mestrando em Educação Física pela UCB

***Dr. em Sociologia pela UNB e Prof. Dr. da Universidade Católica de Brasília – UCB

Introdução

Há várias décadas estudos na área biofisiológica tem demonstrado existir uma relação entre a prática de atividades físicas regulares e sistemáticas e a saúde e a qualidade de vida. Está cada vez mais comprovado que a Educação Física favorece a melhoria da saúde e desenvolve os parâmetros identificados com uma boa qualidade de vida. Entretanto, a despeito desse fato o número de praticantes regulares é extremamente baixo, acompanhado de um sério agravante: este número é ainda mais reduzido nas faixas etárias mais elevadas da população. Pouco adianta demonstrar a importância da Educação Física se as pessoas não a realizam sistematicamente.

Contudo, a despeito dessa baixa participação importantes mudanças sociais e culturais têm sido identificadas, atualmente nesse universo. O campo esportivo tem crescido enormemente nas últimas décadas. Profissões, profissionais especializados, espectadores, instituições regulamentadoras no mundo do esporte demonstram que a estrutura esportiva se torna cada dia mais organizada e autônoma. Tem crescido e se intensificado os debates, publicações, discussões, análises sobre a busca da saúde e da qualidade de vida.

A Educação Física tem, cada vez mais, conquistado e ocupado espaços importantes: bens e serviços, espaços de lazer, clubes, escolas, academias, empresas tem se preocupado com ela. É uma das ferramentas, atualmente, mais importantes e valorizadas para uma prática sistemática e regular de atividades e exercícios físicos.

Os conceitos de “campo”, habitus e capital desenvolvidos pelo educador, filósofo e sociólogo francês Pierre Bourdieu constituem importantes instrumentos para a orientação, entendimento e desenvolvimento desse assunto.

Referencial Teórico

Segundo Patrice Bonnewitz (2003), o *habitus* é um conceito central da sociologia de Pierre Bourdieu. Ele garante a coerência entre a sua concepção da sociedade e a do agente social individual; fornece a articulação, a mediação entre o individual e o coletivo. Por meio desta noção, surge uma teoria específica da produção social dos agentes e de suas lógicas de ação.

A vida em sociedade supõe a necessidade do indivíduo ser socializado. O homem deve aprender a viver em ambientes sociais, pois é uma de suas características mais marcantes e isso é demonstrado através de uma interação constante com seus semelhantes e também com o meio em que vive e atua. Isolar-se e agir sozinho sem nenhuma interação torna-se praticamente impossível. As influências sofridas e os estímulos recebidos é que vão definir o que, ou no que o sujeito vai se tornar, isso devido ao fato de nossas experiências sociais integrarem parte dos nossos modos de agir e pensar, corroborando com as atitudes tomadas.

Apesar de tudo isso, interagir e viver em sociedade exige algumas capacidades básicas, que vão ao encontro de um conceito chave chamado socialização

“Todos nós nos tornamos humanos através da interação com outros e nela adquirimos uma personalidade, aprendemos como nos adaptarmos em sociedade e como viver nossas vidas” e ainda [...] “As interações que influenciam o desenvolvimento dessas capacidades que nos permitem participar em sociedade são chamados de socialização” (TURNER, 1999, p.75-77).

Reportando-se também aos processos de socialização Bonewitz (2003) afirma que : “a socialização corresponde ao conjunto dos mecanismos pelos quais os indivíduos realizam a aprendizagem das relações sociais entre os homens e assimilam as normas, os valores e as crenças de uma sociedade ou de uma coletividade”. Foracchi (1977) afirma que, o processo por meio do qual o indivíduo aprende a ser um membro da sociedade é designado socialização e socializar é impor padrões sociais à conduta individual. Gira em torno desse conceito de socialização toda a problemática da sociedade e é através dele que se entende como viver em determinado meio social, e o que é necessário para que este seja construído.

O processo de socialização ocorre por meio de etapas que começam desde a vida fetal e vai se desenvolvendo com o decorrer do tempo, através da interação com o outro e também com o ambiente. A socialização pode ser dividida em duas fases distintas: socialização primária, a qual a criança se torna membro participante da sociedade, e socialização secundária, em que os indivíduos são introduzidos num mundo social específico.

“A intensidade das aquisições varia de acordo com a idade; assim, distinguem-se tradicionalmente a socialização primária, ou socialização da criança, e as socializações secundárias, processos de aprendizagem e adaptação dos indivíduos ao longo de suas vidas” (BONEWITZ, 2003).

Tratando sobre a primeira socialização Foracchi, (1977) fala que: a primeira condição que experimentamos é a de criança. No princípio da vida realizam-se interações, essas acontecem com o próprio corpo, com o ambiente e também com outras pessoas, portanto ao nascer à criança já possui experiências sociais e não-sociais. “Desde o início a criança desenvolve uma interação não apenas com o próprio corpo e o ambiente físico, mas também com outros seres humanos. A biografia do indivíduo, desde o nascimento, é a história de suas relações com outras pessoas” (FORACCHI, 1977).

Nas fases iniciais as experiências sociais da criança são explicadas, pela necessidade e dependência que a mesma possui com relação a outras pessoas, daí surgem às primeiras interações sociais que começam a interferir no processo de socialização da criança. Segundo Turner (1999), a primeira socialização tem mais influência na formação de nossas capacidades humanas do que a socialização posterior; a interação com outros significantes, pessoas que são significantes é mais marcante do que a interação com indivíduos comuns.

Acerca da segunda socialização, tem-se nos treinamentos profissionais seu exemplo, pois através da profissão as pessoas são inseridas em mundos sociais específicos. Em alguns casos essa socialização é mais superficial e não pede que a identidade seja alterada, porém em outros exige modificação profunda e se assemelha muito a socialização na primeira infância. A partir de um determinado momento, a personalidade começa a ser formada e se torna mais estável. Isso não significa que as pessoas devem evitar novas experiências e se limitar ao nível de interação que possuem, pois novos estímulos sempre aparecem, fazendo com que os indivíduos desfrutem de novas realidades proporcionando a continuidade da socialização.

Para Bourdieu (1983), a socialização é caracterizada pela formação do *habitus*, conceito que ele define da seguinte maneira:

“os condicionamentos associados a uma classe particular de condições de existência produzem *habitus*, sistemas de disposição duradouros e transponíveis, estruturas estruturadas dispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, princípios geradores e organizadores de práticas e representações que podem ser objetivamente adaptadas ao seu objetivo sem supor a visada consciente de fins e o controle expreso das operações necessárias para atingi-los, objetivamente “reguladas” e “regulares”, sem ser em nada o produto da obediência a regras e sendo

tudo isso, coletivamente orquestradas sem ser o produto da ação organizadora de um maestro”.(p.?)

O *habitus* é inerente a cada ator social e de certa forma define seus gostos, estilo de vida, práticas, estando associado à pertença a uma classe social, e tendo de ser ajustado quando existe mobilidade. Isso significa que, em primeiro plano, a socialização exerce total influência na criação do *habitus*, e este surge a partir das interações significativas obtidas ao socializar-se, onde o *habitus* dos outros significantes, em grande parte, tornar-se-á atitudes e disposições do indivíduo socializado. Através da definição de *habitus* se vê que este é caracterizado por disposições, atitudes interiorizadas e que funciona como princípios inconscientes de ação, percepção e reflexão, que se tornam espontâneos, ou seja, não se manifestam de forma obrigatória, controlada, e ocorrem sem ter uma finalidade específica, apesar de poder tornarem-se parte do objetivo do indivíduo, além de não necessitar da obediência a regras, de um organizador, e de reprodução de modelos.

Para as atitudes se transformarem em *habitus*, deve ocorrer uma interiorização das mesmas e estas devem possuir significado para o agente social individual. Nesse aspecto, os outros significantes possuem uma grande responsabilidade na socialização do indivíduo e na conseqüente criação do *habitus*, isso porque exercem grande peso os comandos, atitudes, disposições, valores, regras que pessoas significativas transmitem para o mesmo. Patrice Bonewitz afirma que a interiorização constitui um mecanismo essencial da socialização na medida em que os comportamentos e os valores aprendidos são considerados como óbvios, como naturais, como quase instintivos; a interiorização permite agir sem ser obrigado a lembrar-se explicitamente das regras que é preciso observar para agir. “É só por meio da interiorização das vozes dos outros que podemos falar a nós mesmos. Se ninguém nos tivesse dirigido uma mensagem significativa vinda de fora, em nosso interior também reinaria o silêncio. É só através dos outros que podemos descobrir a nós mesmos” (Foracchi, 1977).

O *habitus* possui dois componentes: *o Ethos e a Hexis*.

Ethos: princípios ou valores em estado prático, a forma interiorizada e não-consciente da moral que regula a conduta cotidiana: são os esquemas de ação, mas de maneira inconsciente.

Hexis: corresponde às posturas, disposições do corpo, relações ao corpo, interiorizadas inconscientemente pelo indivíduo ao longo de sua história.

“O *habitus* é simultaneamente a grade de leitura pela qual percebemos e julgamos a realidade e o produtor de nossas práticas. Gostar mais de cerveja do que de vinho, de filmes de ação do que de filmes políticos, votar na direita mais do que na esquerda são produto do *habitus*. Do mesmo modo, andar com o tronco erguido ou curvado, ser desajeitado ou ter facilidade nas relações interpessoais são manifestações da *hexis* corporal. Enfim, considerar determinado indivíduo como pequeno, mesquinho, ou, pelo contrário, generoso, brilhante, depende do *ethos*” (BONEWITZ, 2003,).

Assim como na primeira socialização, na criação do *habitus* primário, as ações sofridas na infância de forma mais precoce são as mais decisivas e importantes. A interação em grupos primários, grupos em que as pessoas se conhecem e sentem maior proximidade e intimidade é mais importante na formação da personalidade do que o contato com os outros em grupos secundários, nos quais a interação é menos imediata e mais formal. Esse é mais um exemplo da influência que a socialização exerce na constituição do *habitus*, já que a interação significativa responsável pelo socializar não pode ser dissociada da configuração do *habitus*, fazendo a junção dos padrões sociais adquiridos com as atitudes e disposições praticadas.

A partir de sua formação inicial em um ambiente social e familiar que corresponde a uma posição específica na estrutura social, os indivíduos incorporariam um conjunto de disposições para a ação típica dessa posição (um *habitus* familiar ou de classe) e que passaria a conduzi-los ao longo do tempo e nos mais variados ambientes de ação. Isso acontece, pois toda família ocupa um lócus no espaço social e os esquemas de ação e percepção dependem dessa posição. “Interiorizamos as propriedades ligadas à posição de nossos pais no espaço social. Sujeitos situados em condições sociais diferentes vão adquirir disposições diferentes” (BONEWITZ, 2003). Assim como a socialização primária gera as primeiras experiências no indivíduo, proporcionadas pelas interações que demonstram um determinado padrão social, o *habitus* primário reflete através das primeiras experiências as disposições adquiridas. Portanto, se numa determinada família sempre houve praticantes de atividade física, por exemplo, há maior probabilidade de que nas gerações seguintes também apareçam indivíduos praticantes de atividade física, devido às influências, a socialização e o longo processo de formação do *habitus*. Da mesma forma que a socialização, o *habitus* também não tem um fim determinado e novas disposições surgem com a vivência, caracterizando o surgimento de *habitus* secundários.

“O *habitus* é uma estrutura interna sempre em via de reestruturação. É o produto de nossa experiência passada e presente o que mostra que o *habitus* não é totalmente congelado. Isto implica que nossas práticas e representações não são nem totalmente determinadas (os agentes fazem escolhas), nem totalmente livres (estas escolhas são orientadas pelo *habitus*)” (BONEWITZ, p. 2003).

Apesar da influência exercida pela classe social no *habitus* individual, fortalecendo o *habitus* de classe, o *habitus* também está ligado à trajetória social dos indivíduos, que gera um estilo próprio, individual que, nem sempre, reflete o *habitus* da classe a qual é pertencente.

“O estilo “pessoal”, isto é, aquela marca particular que trazem todos os produtos de um mesmo *habitus*, práticas ou obras, nunca é mais do que um desvio em relação ao estilo próprio a uma época ou a uma classe. [...] O princípio da diferença entre os *habitus* individuais reside na singularidade das trajetórias sociais, às quais correspondem séries de determinações cronologicamente ordenadas e irredutíveis umas as outras” (BOURDIEU, p.100-102).

Há atividades que, usualmente são orientadas pela classe social a qual se pertence, o boxe, o atletismo, por exemplo, são modalidades esportivas de baixo custo econômico e normalmente são procurados por pessoas de classe social mais baixa, por outro lado, o golfe e o tênis são esportes extremamente caros, praticados por indivíduos de classe mais alta. Isso não impede que pessoas de classe mais elevada não pratiquem atletismo ou boxe e de classe baixa cheguem a praticar tênis ou golfe. Depende da trajetória social e de vida. “Um estilo de vida é um conjunto de gostos, crenças e práticas sistemáticas característicos de uma classe ou fração de classe dada”. (BONEWITZ, 2005, p.82). A um nível de vida semelhante podem corresponder estilos de vida muito diferentes, ligados, a *habitus* distintos.

Para abordar a questão dos estilos de vida deve-se analisar o conceito de **capital**, amplamente utilizado por Pierre Bourdieu em sua Sociologia.

“À primeira análise a noção de capital está ligada à abordagem econômica. A analogia se explica pelas propriedades reconhecidas do capital: ele se acumula por meio de operações de investimento, transmite-se pela herança, permite extrair lucros segundo a oportunidade que seu detentor tiver de operar as aplicações mais rentáveis” (BONEWITZ, 2005, p.53).

Efetivamente é possível distinguir quatro tipos de capital:

- O capital econômico: constituído pelos fatores de produção e pelo conjunto de bens econômicos.

- O capital cultural: qualificações intelectuais produzidas pelo sistema escolar ou transmitidas pela família. Existe em três formas: em estado incorporado como disposição duradoura do corpo; em estado objetivo, como bem cultural; em estado institucionalizado.

- O capital social: conjunto das relações sociais de que dispõe um indivíduo ou grupo.

- O capital simbólico: conjunto dos rituais ligados à honra e ao reconhecimento.

O *habitus* gera distinção entre as classes sociais, mas também distingue a mesma classe, devido aos diferentes estilos de vida. Isso ocorre prioritariamente devido a ênfase dada para diferentes capitais numa mesma classe social. Na classe alta, por exemplo, existem indivíduos que dão maior valor ao capital econômico (viagens caras, carros de luxo, bens materiais), enquanto outros detêm maior capital cultural (leituras, conhecimento das artes, interesse pelo teatro). Para melhor exemplificar, duas pessoas de classe elevada praticam tênis, uma para ostentar bens, raquetes caras, tênis de última geração demonstrando um alto capital econômico, enquanto o outro pratica pelo prazer que o tênis promove, pelo conhecimento acumulado sobre a técnica do esporte e os benefícios que este aprendizado técnico gera nas partidas, mostrando assim ter um capital cultural e corporal bastante apurado.

“O “conhecedor” dispõe de esquemas de percepção e apreciação que lhe permite ver o que o leigo não vê, de perceber uma necessidade onde o simplório vê apenas violência e confusão e, conseqüentemente, de achar na prontidão de um gesto, na imprevisível necessidade de uma combinação bem sucedida ou na orquestração quase miraculosa de um movimento de conjunto, um prazer que não é menos intenso ou menos conhecedor do que aquele que uma execução particularmente bem sucedida de uma obra familiar proporciona a um melômano.” (BOURDIEU, 1983, p.144).

Outra idéia central, explorada por Pierre Bourdieu, é a definição de **campo**, e este importante conceito está relacionado aos diferentes tipos de capital e as relações de poder exercidas entre estes, já que para ter o domínio de um campo específico é necessário que se possua determinados capitais.

“Em termos analíticos um campo, pode ser definido como uma rede ou uma configuração de relações objetivas entre posições. Essas posições são definidas objetivamente em sua existência e nas determinações que elas impõem aos seus ocupantes, agentes ou instituições, por sua situação (situs) atual e potencial na estrutura da distribuição das diferentes espécies de poder (ou de capital) cuja posse comanda o acesso aos lucros específicos que estão em jogo no campo e, ao mesmo tempo, por suas relações objetivas com as outras posições (dominação, subordinação, homologia, etc.)” (BOURDIEU, 1990, p.72).

O campo funciona como um mercado e tem seu surgimento no momento em que há produção e consumo de bens, com regras próprias de funcionamento e relações entre agentes pertencentes ao campo que buscam possuir o capital necessário para dominá-lo. Para analisar o funcionamento do campo será utilizado como exemplo à construção do campo esportivo. Essa construção será iniciada com os seguintes questionamentos feitos por Bourdieu em seu livro *Questões de Sociologia*, (1983) “a partir de que conjunto de condições sociais se pode verdadeiramente falar de esporte em oposição ao simples jogo? Como se constituiu esse espaço de jogo, com sua lógica própria, este lugar com práticas sociais inteiramente particulares, que foram definidas no curso de uma história própria e que só podem ser compreendidas a partir desta história?”

Para que o campo esportivo seja constituído, é necessário o surgimento de toda uma estrutura que complemente esse campo. Será necessário à existência de instituições e agentes ligados aos consumos e práticas esportivas, que vão ficar

responsáveis por fazer esse campo funcionar como um mercado. Com produtores e vendedores de bens e serviços, produtores e vendedores de espetáculos, além de fazer com que as regras, normas e leis do campo sejam aplicadas, visando à defesa do interesse dos agentes envolvidos e inseridos nesse campo.

Como exemplo, pode-se citar o futebol que é um esporte inserido em um campo esportivo sólido, fortemente constituído com bastante representatividade no Brasil. Isso é comprovado por esta modalidade esportiva possuir diversas empresas ligadas aos bens necessários a prática (equipamentos, vestimentas especiais, instrumentos), possui um corpo de profissionais especializados a prática do esporte (técnicos, dirigentes, nutricionistas, fisioterapeutas, empresários, médicos), ampla cobertura da mídia (rádio, televisão, internet, enfim, meios que colaboram para a venda de espetáculos) e instituições que buscam fazer com que as diretrizes traçadas para o futebol sejam regularmente cumpridas (FIFA, Confederações, Federações, Tribunais de Justiça Desportiva etc.). Em suma, o futebol possui alguns dos requisitos essenciais para se criar um campo autônomo. Cada campo possui suas normas, regras, valores, leis, em geral, e busca autonomia que faz com que o campo seja mais valorizado, organizado e passe a ter uma maior visibilidade quando comparados a campos mais dependentes.

No âmbito do campo esportivo a busca por essa autonomia tem início, segundo Bourdieu, nas grandes escolas reservadas às elites da sociedade burguesa, nas “*public schools*” inglesas, onde os filhos das famílias da aristocracia ou da grande burguesia retomaram alguns jogos populares, isto é, vulgares, impondo-lhes uma mudança de significado e de função muito parecida com a que o campo da música erudita impôs as danças populares, para fazê-las assumir formas eruditas como a suíte. É nesse momento, de ruptura com atividades ditas “ancestrais” utilizadas como jogos simples em atividades festivas ou como simples jogos rituais que passa a haver uma diferenciação entre jogo e esporte, caracterizada por uma alteração, onde aparece “uma estrutura específica, dotada de lutas próprias, regras próprias e onde se engendra e investe toda uma cultura ou uma competência específica (quer se trate da competência inseparavelmente cultural e física do atleta de alto nível ou da competência cultural do dirigente ou do jornalista esportivo, etc.), cultura de certa maneira esotérica, separando o profissional do profano” (BOURDIEU, 1983, p.138).

A

autonomia do campo se dá reunindo as idéias de capital e *habitus*, e pode ser sinteticamente concluída com uma análise do sociólogo francês Pierre Bourdieu, em que ele relata que,

“a autonomização do campo das práticas esportivas também se acompanha de um processo de racionalização destinado, segundo os termos de Weber, a assegurar a previsibilidade e calculabilidade para além das diferenças e particularismos: a constituição de um corpo de regulamentos específicos e de um corpo de dirigentes especializados. A necessidade da aplicação universal de regras fixas se impõe desde o momento em que as “trocas” esportivas se estabelecem entre as diferentes instituições escolares, e depois, entre regiões etc. A autonomia relativa do campo das práticas esportivas se afirma mais claramente quando se reconhece aos grupos esportivos as faculdades de auto-administração e regulamentação, fundadas numa tradição histórica ou garantidas pelo estado.” (p.140,1983)

O campo esportivo e o campo da nutrição são relativamente autônomos, porém se interrelacionam e se complementam, para uma maior consolidação de ambos, ou para atingir um objetivo em comum. Portanto, por mais autonomia que um determinado campo tenha, ele não é independente, ele mantém relações com um ou mais campos, mantendo o princípio da oferta e da demanda.

“Esse espaço dos esportes não é um universo fechado sobre si mesmo. Ele está inserido num universo de práticas e consumos, eles próprios estruturados e constituídos como sistema. Há boas razões para se tratar as práticas esportivas como um espaço relativamente autônomo, mas não se deve esquecer que esse espaço é o lugar de forças que não se aplicam só a ele. Quero simplesmente dizer que não se pode estudar o consumo esportivo, se chamá-lo assim, independentemente do consumo alimentar ou do consumo do lazer em geral. As práticas esportivas passíveis de serem registradas pela pesquisa estatística podem ser descritas como a resultante da entre uma oferta e uma procura, ou mais precisamente, entre o espaço dos produtos oferecidos num dado momento e o espaço das disposições” (BOURDIEU, 1980, p.210).

Exemplificando, pode-se utilizar a natação de alto rendimento, onde os atletas estão inseridos no campo esportivo e rodeados por profissionais de diversos campos e áreas de atuação, como o nutricionista, que vai analisar a dieta do atleta, o fisioterapeuta, trabalhando com a prevenção e reabilitação de lesões, o médico, fazendo exames periódicos e cuidando da saúde do atleta, o educador físico, utilizando seus conhecimentos técnicos, enfim, todos esses profissionais em conjunto trabalhando por um objetivo comum relacionado a extrair do atleta o seu melhor desempenho.

Considerações Finais

A proposta teórica de Pierre Bourdieu contribui no universo dos estudos da educação física e dos esportes por possibilitar uma visão ampliada das disputas de poder e da construção dos estilos de vida ligados à prática de esportes.

Oferece a possibilidade de interpretar o fenômeno do esporte e da educação física levando em consideração tanto aspectos estruturais e sociais como classe social como características individuais relacionadas ao gosto e às escolhas dos tipos de esporte e da forma de praticá-los, oferece uma ferramenta teórica consistente que pode embasar a investigação sobre os estilos de vida ativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERGER, P.; BERGER, B. Socialização: como ser um membro da sociedade. *In:*
FORACCHI, M. M.; MARTINS, J. de S. **Sociologia e sociedade**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editorial, 1977.
- BONNEWITZ, Patrice. **Primeiras Lições sobre a Sociologia de Pierre Bourdieu**, Petrópolis: Vozes, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. **Coisas Ditas**, São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BOURDIEU, Pierre. *Le sens pratique*. Paris: Éditions de Minuit, 1980.
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**, Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- TURNER, Jonathan. **Sociologia: conceitos e aplicações**. São Paulo, Makron ed, 1999.